

## O ZÓCALO DO AVESSO: VISÃO DECOLONIAL DA PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO DA CIDADE DO MÉXICO.

*Ana Paula dos Santos Salvat<sup>1</sup>*

Por meio de uma leitura visual da praça central da Cidade do México, pretende-se fazer uma análise dos componentes artísticos, urbanos e arquitetônicos do Zócalo e suas representações de poder, identificando relações entre os campos artístico e sociopolítico nas dimensões do espaço e do tempo, simbologias e intenções na morfologia urbana e na configuração visual da maior cidade da América espanhola. A abordagem do objeto será feita pelo viés teórico decolonial, ou seja, desconstruindo discursos eurocêntricos pautados no ato civilizatório e modernizador da narrativa colonizadora e demonstrando as estratégias globalizantes ocidentais que procuraram ocultar as influências da cultura e do urbanismo ameríndios na constituição do sistema barroco espanhol.

O debate em torno de novas aproximações do lugar, que vai além da narrativa histórica tradicional, torna-se possível a partir de um posicionamento historiográfico recente, a historiografia indígena, que, por um lado, fornece visibilidade aos diversos tipos de agência histórica ameríndia e por outro, questiona discursos de matriz eurocêntrica<sup>2</sup>. Uma outra abordagem teórica que será utilizada está voltada às questões da colonialidade<sup>3</sup> sob a perspectiva dos estudos decoloniais<sup>4</sup>, os quais, conforme explica Luciana Ballestrin

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA-USP).

<sup>2</sup> Cf. FLORESCANO, 1991; SANTOS, 2014; BERTAZONI; SANTOS; FRANÇA, 2017.

<sup>3</sup> Pensa-se aqui colonialidade segundo a definição de Aníbal Quijano: "a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América" (QUIJANO, 2009, p. 73).

<sup>4</sup> O movimento decolonial, formado por pensadores como Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Anibal Quijano e Fernando Coronil, por exemplo, publicou um importante documento coletivo do Grupo Modernidade/Colonialidade - grupo desagregado do Grupo de Estudos Subalternos (Cf. BALLESTRIN, 2013) - intitulado "La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales" (Cf. LANDER, 2005).

ao descrever a ideologia do Grupo Modernidade/Colonialidade, envolvem "diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e poder"<sup>5</sup>, a partir dos estudos do semiótico argentino Walter Mignolo.

Por essa perspectiva, entende-se que a Modernidade, iniciada com a descoberta da América, expande o mundo conhecido, gerando a separação entre centro e periferia. Na visão eurocêntrica, a Europa foi tomada como centro e todos os demais locais do mundo, os "outros", tornaram-se periferia, e ela tomou para si a tarefa de "modernizar" o mundo, visão que serviu de justificativa para atrocidades em nome da ação civilizatória<sup>6</sup>. O mundo moderno construído a partir de então, com base na colonialidade de poder, é explicado por Walter Mignolo:

A configuração da modernidade na Europa e da colonialidade no resto do mundo (com exceções,...), foi a imagem hegemônica sustentada na colonialidade do poder que torna difícil pensar que não pode haver modernidade sem colonialidade; que é constitutiva da modernidade, e não derivativa. O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado, que suprimiram outras memórias, e de histórias que se contaram e se contam levando-se em conta a duplicidade de consciência que a consciência colonial gera.<sup>7</sup>

Nesses termos, a colonização é entendida como consequência da modernidade, e seus atores, como libertadores dos povos pagãos da barbárie e promotores do desenvolvimento e do progresso.

Portanto, para uma abordagem descolonizadora do Zócalo, em termos de leitura visual da cidade, inclui-se, entre outros pontos:

- demonstrar a permanência indígena na arte, na arquitetura e no urbanismo, cujos traços ainda são identificáveis;
- entender as modificações de ação colonizadora que procuraram apagar os traços ameríndios modificando a paisagem cultural;
- acrescentar outras histórias ou histórias dos "outros" na linha cronológica mundial como história autônoma com produção artística, cultural e tecnológica próprias.

Tenochtitlan, parte da atual Cidade do México, era a maior das cidades ameríndias com seus 200 mil habitantes<sup>8</sup> em 12 km<sup>2</sup> apenas na ilha localizada no lago Texcoco, no Vale do México, no início do século

<sup>5</sup> BALLESTRIN, 2013, p. 108.

<sup>6</sup> Cf. DUSSEL, 2005, p. 28-30.

<sup>7</sup> MIGNOLO, 2005, p. 75-76

<sup>8</sup> Cf. CARRASCO, 1985, p. 70.

XV. Quando os castelhanos os encontraram, os mexicas já tinham atingido o auge do poderio militar e o domínio sobre a região, consolidado com a Tríplice Aliança estabelecida em 1428 entre Tenochtitlan e as cidades de Texcoco e Tlacopan. Contando com as cidades vizinhas à ilha, o total de habitantes da região chegava a aproximadamente meio milhão de pessoas em uma área de 600 km<sup>2</sup>. Esses números faziam da região uma das mais populosas do mundo, considerando que, no início do século XVI, Paris tinha por volta de 260 mil habitantes, Nápoles 150 mil, Sevilha e Roma, 55 mil, cada<sup>9</sup>. A descoberta da capital do chamado Império Asteca<sup>10</sup> em 1519 foi extremamente impactante para os castelhanos, os quais, após dois anos, com a ajuda de outros grupos ameríndios e liderados por Hernán Cortés (1485-1547), a dominaram e destruíram<sup>11</sup>. Uma nova cidade foi construída sobre seus destroços, a nova México-Tenochtitlan, depois, Cidade do México, que se tornou sede do Vice-Reino da Nova Espanha em 1535, e da nação mexicana a partir do início do século XIX.

A respeito da permanência indígena na arte, na arquitetura e no urbanismo, é preciso abordar a reconstrução da cidade, iniciada por Alonso García Bravo (1490-1561) e seu assistente Bernardino Vázquez de Tapia (1493-1559)<sup>12</sup>, que manteve basicamente o traçado urbano asteca e a localização da grande praça e seus edifícios determinantes dos poderes religioso, político e econômico<sup>13</sup>, criando um novo centro urbano na América Hispânica que estabeleceu uma relação de valor entre as construções e sua proximidade do centro, algo que não ocorria nas grandes cidades europeias, as quais tinham seus edifícios representativos dispersos na cidade<sup>14</sup>. Ainda que alguns defendam que o modelo ortogonal das cidades hispano-americanas deve-se à influência de Vitruvius e Alberti no Renascimento, no caso da Cidade do México, a maior parte das ruas do Centro Histórico coincide com as da antiga Tenochtitlan. A grande praça, que já existia na cidade indígena, foi mantida praticamente no mesmo local. Os principais edifícios em termos de poderes religioso, econômico e político, estão nas bordas do quadrilátero que constitui o Zócalo. A Catedral Metropolitana<sup>15</sup> e

<sup>9</sup> MUNDY, 2015, p. 1.

<sup>10</sup> O termo "asteca" refere-se aos habitantes da mítica Aztlan. Os "astecas" teriam seu nome mudado para "mexitin" (ou mexicas) pelo deus Huitzilopochtli quando o grupo se estabeleceu em seu destino final, após longa peregrinação. Portanto, o termo não era utilizado pelos ameríndios nem pelos colonizadores espanhóis, mas teria sido utilizado e difundido a partir do século XVIII, por Francisco Xavier Clavijero e William Prescott (BARLOW, 1945, p. 345). Os habitantes de Tenochtitlan eram chamados de tenochas, e os mexicas de Tlateloco, tlatelocas. Vários autores utilizam largamente o termo "asteca", que se tornou mais popular, em lugar de "mexica".

<sup>11</sup> Sobre as fases da conquista de Tenochtitlan e a agência indígena, conferir SANTOS, 2014.

<sup>12</sup> Cf. BENÍTEZ 1933.

<sup>13</sup> Ver Figura 01.

<sup>14</sup> Cf. PAGE, 2008, p. 46.

<sup>15</sup> A construção da atual Catedral começou em 1573 a partir do projeto do arquiteto Claudio de Arciniega, no local da primeira igreja construída no local por ordem de Hernán Cortés, e terminou em 1813, tendo passado por diversas fases construtivas com a participação de vários arquitetos e construtores.

o Sagrario<sup>16</sup> estão localizados ao norte da praça, próximos ao que antes era o Templo Mayor e sobre outras antigas construções do recinto cerimonial. O Palácio Nacional<sup>17</sup>, antigo Palácio dos Vice-Reis, foi erguido sobre as "Casas Nuevas" de Moctezuma. O mercado, um indicador da economia local, localizado na parte sul da praça principal em Tenochtitlan - embora o maior deles ficasse em Tlateloco - foi reinstalado por Cortés na praça central, e ganhou sede fixa no início do século XVIII, quando ergueu-se o chamado 'Mercado del Baratillo' ou "El Párian"<sup>18</sup>. O conjunto formado por esse espaço descrito é atualmente a Praça da Constituição, ou Zócalo<sup>19</sup>, uma das maiores praças pública do mundo nos dias de hoje.

Grandes estradas foram construídas para ligar a ilha ao continente e aos aquedutos, as quais ainda podem ser reconhecidas pelo traçado das ruas e avenidas que se sobrepuseram a elas. As três principais eram: ao sul, a Calzada de Iztapalaga (atualmente Estrada Tlalpan e Avenida San Antonio Abad); a oeste, a Calzada de Tlacopan (atualmente estrada de México-Tacuba), e que se ligava ao aqueduto de Chapultepec; ao norte, a Calzada de Tepeyácac (atualmente Estrada dos Mistérios).

A ilha onde se localizava Tenochtitlan e Tlateloco era rodeada por cinco lagos: Texcoco, o maior deles, Xaltocan e Zumpango, Xochimilco e Chalco. Os dois últimos eram de água doce proveniente de mananciais e os outros três, de água salgada. Em meados do século XV, os mexicas e texcocanos construíram a calçada-dique que separava as águas salgadas das doces e uniria a ilha ao continente. As águas dos lagos eram utilizadas para transporte, cultivo (chinampas) e pesca. Para tanto o consumo, foram construídos aquedutos como o de Chapultepec, que traziam água potável de nascentes no continente. Devido a enchentes, os mexicas desenvolveram sistemas de controle hidráulico, do qual faziam parte as calçadas, os diques, os canais, os solos artificiais, pontes, docas, etc. Esses elementos, construídos com madeira, pedra e terra, também permitiam a comunicação com outras ilhas e com o continente. O recurso das chinampas permitiu o crescimento populacional e a ampliação do cultivo de alimentos. Havia também uma rica fauna de aves, répteis, peixes e anfíbios, além dos seres aquáticos invertebrados.

<sup>16</sup> Edifício paroquial ao lado da Catedral, projetado por Lorenzo Rodríguez e construído de 1749 a 1768.

<sup>17</sup> Antes de tornar-se Palácio dos Vice-Reis, foi residência de Hernán Cortés até 1562. Foi projetado pelos arquitetos Rodrigo de Pontocillos e Juan Rodriguez e reconstruído por Diego Valverde após o incêndio de 1692. A última grande intervenção aconteceu no final da década de 1920 com o acréscimo do terceiro andar no edifício, proposta de Alberto J. Pani e projeto de Augusto Petricioli.

<sup>18</sup> O mercado foi projetado por Pedro Jiménez de los Cobos e foi demolido em 1843.

<sup>19</sup> Em 1843, o presidente Antonio López de Santa Anna (1794-1876) lançou um concurso para um monumento em formato de coluna em honra aos heróis da Independência, que seria instalado no centro da praça. O vencedor do concurso foi Lorenzo de la Hidalga (1810-1872), mas o projeto nunca foi realizado. Apenas foram lançadas as bases de sustentação para a instalação do monumento, o que deu o nome popular à praça: Zócalo. Desde 1812 sua denominação oficial é "Plaza de la Constitución" (Praça da Constituição), devido à proclamação da Constituição Política da Monarquia Espanhola, promulgada em Cádiz, Espanha, tida como a primeira constituição mexicana. Outros nomes que a praça recebeu anteriormente foram Praça das Armas, Praça Maior e Praça do Palácio.

A água era essencial para os povos do Vale do México. A presença dos canais lacustres em Tenochtitlan fez com que alguns autores do século XVI e XVII, como o Frei Bernardino de Sahagún, Miguel de Cervantes e Félix Lopes de Vega, a comparassem a Veneza. Aproximação que se pode fazer ainda hoje a partir de Xochimilco, onde ainda resta um remanescente do lago.

Os conquistadores não conseguiram manter o delicado sistema lacustre que também funcionava como um sistema de proteção da cidade contra enchentes. Durante a guerra da conquista, Cortés e seus aliados adotaram a estratégia de cortar a água potável do aqueduto de Chapultepec e, em seguida, romper dois diques (Nezahualcoyotl e Ahuitzotl) para que barcos levassem guerreiros e munição à ilha, o que provocou um grande desajuste no sistema. Houve ainda a perda de superfície do lago para os escombros da cidade destruída, o desconhecimento para monitoramento e manutenção do sistema, o desmatamento das encostas para o uso da madeira na solidificação do terreno pantanoso para pastos e para receber os pesados edifícios barrocos e a construção de calçadas mais altas. Aos poucos, o solo foi perdendo sua capacidade de absorção da água e porções ficavam estancadas em alguns locais por terem seu curso obstruído. Apesar de terem sido realizadas obras de contenção das águas, as temporadas de chuvas traziam grandes inundações o que levou as autoridades a optarem pela constante drenagem e o dessecamento dos lagos, restando apenas uma pequena porção dele em Xochimilco. A primeira ação foi já em 1608 com a construção de um canal que drenasse a água até o Oceano Atlântico e assim tem sido feito continuamente.

A cultura mexica pre-hispânica está entre os grupos autônomos não-europeus com arte, cultura, tecnologia e modo de existir autônomos, desvinculados da civilização europeia e que deve ter sua linha cronológica e seus saberes e fazeres contemplados e não suprimidos ou apagados da história e da história da arte.

O filósofo argentino Enrique Dussel, um dos expoentes do grupo Modernidade/Colonialidade, apresenta a questão de uma única História contada a partir da visão de "Modernidade" veiculada, num sentido mundial, que consistiria em definir como determinação fundamental do mundo moderno "o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc) 'centro' da História Mundial"<sup>20</sup>. Essa História Mundial, ou seja, a compreensão do mundo como um lugar que tem uma única história e é contada a partir de um lugar, segundo Dussel, teria sido uma criação europeia iniciada com a chegada dos portugueses ao Extremo Oriente e dos espanhóis à América, dando início à operação do "Sistema-Mundo" - Termo cunhado pelo sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein em seu livro "The Modern World-System" (1974) -, o qual divide o planeta de acordo com sistemas hierárquicos racistas, estabelecendo as condições de centro e periferia, gerando uma relação de dependência entre o segundo grupo para com o primeiro, por meio da

---

<sup>20</sup> DUSSEL, 2005, p. 25.

"colonialidade de poder", assunto também abordado pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano<sup>21</sup>. A partir desse conceito, a Europa, representada pelo homem branco cristão, colocou-se na posição central na História Mundial, e passou a considerar todas as outras partes do planeta como subalternas e periféricas.

Tenochtitlan, com suas construções monumentais, praças de múltiplos usos, traçado em grade e monumentos, não apenas tem sua própria história, como também influenciou a formação dos centros urbanos latino-americanos e é parte da linguagem visual do sistema barroco espanhol, o qual já carregava a influência islâmica dos mouros que foram finalmente expulsos da Península Ibérica no mesmo ano em que Colombo chegou à América. A experiência espanhola na construção das novas cidades americanas, a partir das influências locais recebidas, foi uma das motivações na transformação do urbanismo nas grandes cidades da Espanha. O centro dessa transformação é também o centro do poder, a praça principal, sendo que o Zócalo foi o grande modelo para a constituição das *plazas mayores* na Espanha e na América Hispânica.

Desta forma, em termos decoloniais, apesar de verificar-se a imposição da colonialidade na América sob o pretexto da modernidade, verifica-se também que elementos e estruturas ameríndios foram utilizados no projeto modernizador aqui e além-mar, fazendo da "periferia" uma influenciadora da metrópole.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília: Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, nº 11, pp. 89-117, mai./ago. 2013.
- BARLOW, R. H. Some Remarks on the Term 'Aztec Empire'. *The Americas*, New York, vol. 1, nº. 3, p. 345–349, 1945. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/978159](http://www.jstor.org/stable/978159)>. Acesso em: 13 set. 2018.
- BENÍTEZ, José. R. *Alonso García Bravo, planeador de la ciudad de México y su primer Director de Obras Públicas*. México, D.F.: Publicaciones de la Compañía de Fomento y Urbanización, 1933.
- BERTAZONI, Cristina; SANTOS, Eduardo Natalino dos; FRANÇA, Leila Maria. *História e Arqueologia na América Indígena: tempos pré-colombianos e coloniais*. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.
- CARRASCO, Pedro. *América indígena / la conquista*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLASCO, 2005, p. 55-70. (Colección Sur Sur).
- FLORESCANO, Enrique. *El nuevo pasado mexicano*. México, D.F.: Cal y Arena, 1991.

<sup>21</sup> Cf. QUIJANO, 2005, p. 107-130.

LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Colección Sur Sur.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 71-103. (Colección Sur Sur).

PAGE, Carlos A. *El espacio público en las ciudades hispanoamericanas: el caso de Córdoba, Argentina: siglos XVI a XVIII*. Córdoba: Báez Ediciones, 2008.

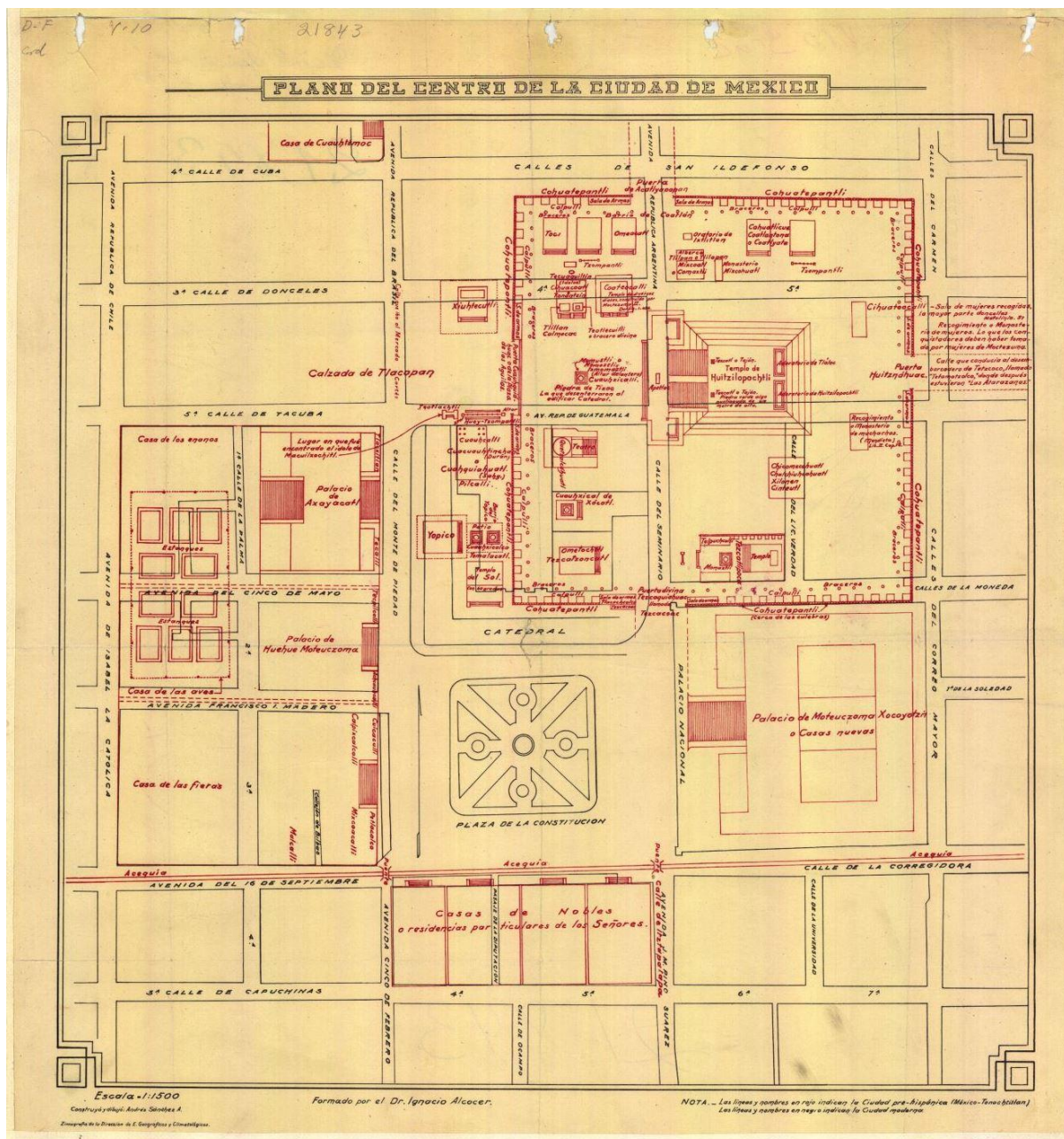
QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do poder: Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 107-130. Colección Sur Sur. Disponível em: <[http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 73-118.

MUNDY, B. E. *The death of Aztec Tenochtitlan, the life of Mexico City*. Austin: The University of Texas Press, 2015.

SANTOS, Eduardo Natalino. As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha: guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas. *Revista História Unisinos*, v. 18, Nº 2, 2014, p. 218-232.

## FIGURAS



**Figura 1** – Ignacio Alcocer e Andrés Sanchez (Dirección de Estudios Geográficos y Climatológicos). Plano del centro de Ciudad de México, Século XX (c. 1935), 56 x 56 cm. Mapoteca Manuel Orozco y Berra del Servicio de Información Agroalimentaria y Pesquera, SAGARPA, México, D.F. O mapa apresenta a sobreposição da planta da antiga Tenochtitlan em traços vermelhos e, em traços pretos, a planta da Cidade do México. A imagem quadrangular na área central inferior refere-se à atual Praça